

A realidade da seta em figuras televisivas do tempo

Suzana Kilpp¹

Resumo: O artigo aponta e autentica comparecimentos de figuras de tempo seta na televisão e problematiza os sentidos que a ele são conferidos nas moldurações televisivas. Confronta tempos cronológicos e tempos cronométricos, indistintamente enunciados pelas emissoras como seta. Conjetura sobre uma aparente enunciação de tempos lineares e uma impensada coalescência de tempos. Conjetura também sobre as funções do tempo seta na organização da programação de emissoras afiliadas ao sistema NET; e conclui sobre a importância de a pesquisa refletir, a partir de proposições de Henri Bergson, sobre eventuais implicações de enunciações televisuais de tempo seta na invenção de um imaginário social de tempo real.

Palavras-chave: tempo real; Henri Bergson; imaginários de tempo

Abstract: The article points out and authenticates the showing of arrow time figures on television and questions about their senses at the tv framing. It confronts chronological and chronometrical times indistinctly enunciated as arrow by the broadcasters. It formulates conjectures on the apparent enunciation of linear time and a not thought coalescence of times. Also formulates conjectures on the arrow time functions at the organization of broadcasters that are branched to the NET system. It concludes showing the importance of the research to reflect, according to Henri Bergson's propositions, on the occasional implications of real arrow time on the invention of a real time social imaginary.

Keywords: real time; Henri Bergson; time imaginaries

Tempo real e a seta do tempo na TV

Na perspectiva bergsoniana, o tempo real é multiplicidade de múltiplos e não tem direção: ele dura e (des)enrola-se como uma bola de neve (sic). Mas, em compensação, e embora possa ser assim experimentado – na forma mesma como experimentamos de imediato nossa própria duração –, ele é inapreensível pela inteligência.

É assim porque a inteligência percebe o tempo quase sempre como uma seta que avança infinitamente do passado em direção ao futuro: enquanto o passado parece ser o presente que já foi, o presente corresponde a um ponto ínfimo da seta a partir do qual pretendemos imaginar o horizonte dos acontecimentos e nos prepararmos para quando se tornarem presentes – ou até para evitá-los, se for o

¹ Doutora em Ciências da Comunicação e professora (Unisinos).

caso. A seta é, por isso, uma representação do tempo que nos permite discernir em pensamento eventos sucessivos que a nosso ver nunca retornarão.

O aperfeiçoamento do relógio, que se tornou mecânico e mais recentemente digital, deu à humanidade uma reconfortante sensação de controle sobre a passagem do tempo e dos acontecimentos a ele relacionados. Mas enfatizamos de novo, na esteira de Bergson, que o tempo que a humanidade mede é uma representação que ela inventou: é parte de nosso mundo codificado. E, como diz Flusser (2007, p. 130), “[...] um código é um sistema de símbolos. Seu objetivo é possibilitar a comunicação entre os homens [...] Onde quer que se descubram códigos, pode-se deduzir algo sobre a humanidade”. A questão que propomos na análise seguinte passa a ser, então: o que sugere a codificação televisual sobre o tempo medido?

Ainda na esteira de Bergson, propomos que a TV é como nós mesmos um corpo que percebe conforme sua necessidade de agir no presente – porque também ela tem memória, e é a memória que permite perceber –, sendo que, para a TV perceber qualquer coisa, o tempo é sempre muito necessário e precisa ser mensurado, pois ela se paga e vende por tempos: tempo de duração do programa, tempo de duração do anúncio, horário de veiculação do programa, horário de veiculação do anúncio etc. Aquilo a que a TV chama de tempo real – expressão que, aliás, foi reinventada por ela com o sentido do “ao vivo” – corresponde de perto à nossa própria percepção do tempo e é como a nossa: uma representação, que difere em natureza do que Bergson chama de tempo real, conceito este que ilumina nossa pesquisa, ressaltando, entretanto, como o autor, que ele é da esfera da experiência e não do dizível ou mensurável.

Mas o tempo real de TV é tão real quanto a realidade dos chamados *reality shows*: ambos são construtos televisivos, aos quais chamamos de *ethicidades* porque há nesses construtos sentidos identitários enunciados pela TV para tal ou qual coisa que vemos na telinha. Os sentidos que atribuímos à realidade televisiva advém do modo como a TV opera: moldurando, criando quadros e territórios de experiência e significação, isto é, criando molduras e moldurações a partir das quais os sentidos identitários de seus construtos passam a ser assim significados (KILPP, 2003). Não é só a TV que realiza tais operações: toda e qualquer ação comunicacional realiza essas operações. O que enfatizamos é que a TV engendra essas operações de um modo que lhe é peculiar.

Na TV, as molduras são sobrepostas na tela, numa montagem sincrônica e diacrônica de fragmentos gráficos, visuais e sonoros. Dentre essas molduras estamos aqui destacando a moldura “relógio digital” que aparece graficamente no écran de alguns canais que monitoramos durante três anos, de 2007 a 2009. Na análise aqui relatada, a cartografia e dissecação da moldura “relógio digital” teve como *corpus* alguns tempos de algumas emissoras veiculadas pelo cabo NET, tendo por objetivo apreender as figuras de tempo seta e verificar suas vinculações a outras figuras ou construtos televisivos. Tal metodologia de estudo do tempo segue, entre outras, a seguinte premissa, bergsoniana: quando várias coisas estão em movimento, é preciso imobilizar pelo pensamento uma delas, colocar-se em seu lugar e observar o movimento das demais coisas em relação ao lugar em que artificialmente paramos o tempo ou movimento. Esse ponto de observação afeta a

percepção exatamente por isso: é uma percepção cega por situação, conforme propõe Derrida (1998), isto é, uma percepção condicionada pelo hábito enunciativo praticado pelo meio: quando se enquadra regularmente uma imagem qualquer de tal modo, nos habituamos a uma direção para o olhar, que hierarquiza no quadro o que é importante e decisivo e o que não é. Embora até possa haver outros elementos no quadro, tendemos a não percebê-los (nos tornamos cegos a eles, por situação). Também nos tornamos cegos a tudo que não foi enquadrado, ainda que saibamos que o enquadramento privilegiou aspectos da coisa enquadrada. Essa cegueira se estende à nossa percepção da coisa quando estamos diante dela sem a mediação do meio. Por exemplo, diante das pirâmides do Egito, acabamos operando na vista o mesmo enquadramento que estamos habituados a ver em cartões postais, no cinema e na TV, e se nos escapam, da mesma forma, aqueles aspectos minoritários relegados na homologia dos enquadramentos mediados. É assim que nossas fotos e vídeos de viagem raramente diferem das que já conhecíamos pelas mídias – a não ser pelo fato de quase sempre nos incluirmos no enquadramento.

Na pesquisa nós nos colocamos no lugar do relógio na tela da TV, imobilizamos pelo pensamento seu movimento, e desde ele analisamos o que de resto se move em relação a ele. Portanto, não nos interessou a passagem de tempo medida pelo relógio, mas o que se moveu em relação a ele. E não interessa o tempo do relógio na TV porque a princípio ele se move metricamente e sincronicamente com os nossos, que regulam nossa existência social fora da TV; o que interessa, sim, é a construção televisual. O relógio não foi inventado pela TV; por isso, na pesquisa, deve ser descartado para que alcancemos outros moventes propriamente televisuais, porque é aí, e não no relógio, que se encontram as figuras propriamente televisivas do tempo.

Desde tal perspectiva encontramos as representações televisivas que estamos chamando de figuras do tempo. Trataremos aqui apenas de uma delas: a seta. Ressalvamos, no entanto, nos termos de Gould (1991, p. 26-27), dos quais nos apropriamos, que

[...] a seta do tempo e o ciclo do tempo constituem, se preferirmos, uma “grande” dicotomia, porque cada um de seus polos capta, em sua essência, uma temática tão fundamental na vida intelectual (e prática) que qualquer ocidental que queira compreender a história tem de contender intimamente com ambos – pois a seta do tempo é a inteligibilidade de eventos distintos e irreversíveis, enquanto o ciclo do tempo é a inteligibilidade da ordem atemporal e da estrutura de direito. Temos de ter ambos.

Cada uma das metáforas do tempo traz consigo uma tremenda elaboração intelectual. A noção de ciclo do tempo, por exemplo, busca aquela imanência que tanto perseguimos intelectualmente: um conjunto de princípios gerais tão regulares que existiriam fora do tempo-espaço. Eles permitiriam que alcançássemos compreender a universalidade dos fenômenos perceptíveis, ou o estabelecimento de um elo comum entre todas as ricas e diversas particularidades da natureza.

Já a noção de seta do tempo, talvez o mais importante pressuposto da história, imagina que o tempo avança inexoravelmente para frente (o futuro,

imaginado) e que “não se pode entrar duas vezes no mesmo rio”. A história (conforme GOULD, 1991) confere ao fluxo do tempo (por força de seu próprio pensamento) uma unicidade absoluta, uma espécie de totalidade, que admite, entretanto, que tanto princípios eternos quanto atemporais podem reger tão-somente partes do realizado e partes das abstrações e construtos historiográficos.

Tais noções nos permitem compreender de modo simplório o pensamento da TV sobre a seta e o ciclo e as funções que exercem na televisão no geral: enquanto o ciclo refere-se ao que se repete (na semana, por exemplo), a seta aponta a progressão (da programação, ainda por exemplo) dentro do mesmo dia.

Enfatizamos, porém, que isso também não é invenção da televisão, conforme estamos brevemente assinalando. E porque não é uma sua invenção, queremos, ao invés, discutir aqui as figuras de tempo molduradas a partir disso. Ou seja: mais uma vez imobilizaremos o tempo seta e o tempo circular em suas aparições na TV e desde eles olharemos para o que se move a partir deles, porque é novamente aí que se encontram as figuras propriamente televisivas.

Repetindo: o que produz o sentido de seta nos panoramas televisivos é o modo da sobreposição das molduras no qual tal sentido é enunciado. A seta na TV será tratada, portanto, como uma ethicidade televisiva.

Feitos esses esclarecimentos teórico-metodológicos (KILPP, 2010), vamos examinar as construções televisivas objeto deste texto: as figuras de tempo seta.

O tempo por vir

Em nossa pesquisa encontramos “contagens regressivas”, como, por exemplo, quando a programação da TV Guaíba saiu do ar e foi substituída pela da TV Record, nova cessionária do canal.



Figura 1: Instante do fluxo da TV Record (Fonte: imagem capturada pela autora).

Na ocasião, o fluxo da Guaíba foi interrompido à meia-noite, e neste momento iniciou-se uma contagem regressiva de doze horas, visível em *graphic* atrelado à logomarca da nova emissora e a um texto que dizia “Vem aí a TV dos gaúchos”. É bom que se esclareça que a TV Guaíba era gaúcha, e que a TV Record é uma emissora de rede nacional. Ou seja, na ocasião pareceu à rede ser importante frisar um caráter aparentemente regional ou local, sob a promessa de que ele seria preservado. No primeiro dia de transmissões da nova cessionária a programação

que foi ao ar teve esse caráter regionalista, caricato até. A partir do segundo dia, porém, esse caráter foi sendo gradualmente dissimulado até seu total desaparecimento da programação veiculada. Programas e apresentadores regionais migraram para outros canais, nos quais jamais conseguiram restabelecer o caráter que tinham na Guaíba.

A mesma figura esteve presente na transição que a emissora gaúcha TVCom visualizou no écran quando modificou sua grade de programação e desenhou sua nova proposta visual, em 2008. Um segundo relógio colocado na tela indicava a contagem regressiva para a estréia das mudanças; neste caso, a peculiaridade é não ter ocorrido uma supressão do relógio marcador de tempo *reality* que o écran da emissora mostra normalmente.



Figura 2: Instante da TVCom (Fonte: imagem capturada pela autora)

Nos dois casos, quando o relógio surge na tela marcando um retrocesso do tempo mensurável, este retrocesso enuncia que algo acontecerá ao final da contagem, produzindo um efeito de tempo linear ao contrário, com fim, meio e início, o qual será (no futuro) o início de um acontecimento. A contagem regressiva assinala um tempo que não cessa nem retorna: ele simplesmente “segue seu curso”, como uma seta que avança vorazmente em direção a um alvo qualquer situado no que chamamos de futuro. A noção de seta está assim intimamente ligada à idéia de sucessão presente-passado-futuro, e as contagens regressivas produzem no espectador uma sensação de que a cada segundo que “passa” o futuro torna-se mais próximo.

Mas, no momento em que o espectador está acompanhando a contagem ele encontra-se inserido naquilo que Santo Agostinho (apud PIETTRE, 1997, p. 32) chama de presente do futuro e que Piettre, assim referencia:

Talvez se dissesse mais justamente: ‘há três tempos: o presente do passado, o presente do presente, o presente do futuro’. Pois esses três tempos existem no nosso espírito, e não os vejo absolutamente em outro lugar. O presente do passado é a memória; o presente do presente, a atenção; o presente do futuro, a espera.

Por futuro presente entendemos aquilo que a televisão chama de futuro, mas que já existe virtualmente como presente: as contagens regressivas levam o espectador a esperar pela chegada de um acontecimento que já está pré-definido ou virtualmente acontecido. Ora, a peculiaridade do acontecimento televisivo é justamente essa: é algo que nos é apresentado como o futuro que vai acontecer,

mas que na verdade já é acontecido, pois está ordenado (previsto) na grade de programação mesmo que ainda não esteja no ar.

No caso da contagem regressiva da TVCom, o relógio marcador de tempo decrescente foi colocado sobre o écran da emissora, produzindo uma tensão com o relógio marcador de tempo tradicional, que não foi suprimido da tela. Ou seja, o sentido produzido apontava para o fato de que algo aconteceria dentro da própria emissora: mantinha-se a moldura TVCom e dizia-se que o acontecimento faria parte de seu fluxo.

Já no caso da contagem regressiva da transição entre a TV Guaíba e a TV Record sobrepôs-se no écran a logomarca da nova emissora e o relógio regressivo em uma tela azul, o que leva o espectador a uma outra expectativa, a de uma mudança mais radical, porque mais surpreendente. Mas, da mesma forma, dá-se a ver claramente que o futuro ali anunciado já é presente, e nós é que ainda não o sabemos: o acontecimento enunciado refere-se à chegada da nova emissora concessionária do canal.

Mas, já estando no ar a sua logo, é perceptível que a chegada “inusitada” já aconteceu. Uma vez que a emissora anterior saiu do ar e a nova estabeleceu a sua logomarca como moldura na tela, a contagem está marcando apenas a espera pelo próximo programa, e não pela TV Record, pois ela já havia chegado: foi ela mesma que enunciou que “chegaria” no porvir.

A televisão, como sempre falando principalmente de si mesma, estabelece uma lógica que só vale em seu mundo. Nele, o acontecimento não irá acontecer, pois já aconteceu, e o espectador é levado a aguardar o momento em que ele será tão somente revelado. Assim, o tempo por vir já foi domesticado e, de fato, na esteira de Bergson, não há nada por acontecer, porquanto o acontecimento é imprevisível e incontrollável. O verdadeiro acontecimento seria aquele que surpreenderia até a TV, aquele que irrompesse em sua programação e a afetaria em profundidade, como o ataque às Torres Gêmeas, por exemplo.

Cabe ressaltar uma diferença importante entre as duas esperas: na primeira, a da TV Record, afora a passagem do tempo no relógio, nada se moveu; na TVCom, tudo se movia, do mesmo modo de sempre.

A atualidade como acontecimento no presente

A figura da seta atrela-se ao tempo televisivo ainda de muitas outras formas. No écran da Record News, por exemplo, conforme figura a seguir, em uma barra de texto, notícias correm na tela, também emulando o movimento de uma flecha que parte justamente do relógio que marca o tempo em uma das extremidades da tela.



Figura 3: Instante da TV Record (Fonte: imagem capturada pela autora)

A seta na Record News, assim atrelada à forma espacial da barra de notícias, sugere a transmissão em tempo real televisivo dos acontecimentos jornalísticos (atualidades) na mesma medida em que estariam acontecendo. A noção de que eles correm na tela e que “passam”, um após o outro, é essencial para a ordenação das informações exibidas nesta barra. Não temos certeza alguma de que os fatos enunciados no texto ocorreram na mesma sequência em que estão sendo exibidos na tela, e é o nosso condicionamento para pensar no tempo como seta que permite que a ordenação linear sugerida pela barra nos cause a impressão de que aquela é uma linha de tempo em que atualidade e presente se equivalem, mas que em Bergson são naturezas diversas.

A continuidade temporal da matéria e o retorno do mesmo

Na TVCom, após ter sido enunciado, pela contagem regressiva antes citada, um acontecimento, todos os programas e chamadas da emissora apresentaram um visual “renovado”, com releituras de antigos e com a inserção de novos elementos gráficos. Um destes elementos, evidenciado na vinheta que o programa *Conversas Cruzadas* exibiu quando retornou dos comerciais naquele dia, é uma inscrição de “continue assistindo”. O *graphic* enuncia a determinância do tempo seta, pois enuncia uma continuidade linear ao que já se está assistindo. Mesmo quem está fazendo o *zapping* e se depara com esta tela sabe que aí existe uma progressão do tempo televisivo, e que uma parte do programa já ficou “para trás”:



Figura 4: Instante da TVCom (Fonte: imagem capturada pela autora)

Em outra tela da mesma emissora a seta também se faz presente de forma evidente:



Figura 5: Instante da TVCom (Fonte: imagem capturada pela autora)

No caso, o écran apresenta-se dividido em quatro segmentos: um deles, o maior, subdivide-se em dois e mostra de um lado a imagem de um entrevistado e, à sua direita, a do apresentador. Uma barra de texto verde logo abaixo é alimentada com notícias em fluxo. De forma similar ao que aconteceu no exemplo da Record News, não sabemos se estão ou não em ordem cronológica, mas presumimos que estejam.

Mais abaixo se encontram as logomarcas da emissora e do portal de Internet Clic RBS.

Se a segunda divisão da tela, a das notícias, sugere uma predominância da seta devido à enunciação de cronologia, é na última divisão, uma barra vertical à direita do panorama, que se produz a maior tensão entre ciclo e seta: o relógio marcador de tempo encontra-se posicionado no topo desta barra, que refere a previsão do tempo para o dia da transmissão e para os dois seguintes. A informação sobre as condições climáticas do dia está classificada como “hoje” e a do dia seguinte como “amanhã”, o que claramente remete à sucessão, ou à seta do tempo. No entanto, a terceira enunciação se encontra em “quarta-feira”, que é uma remissão ao ciclo. Ou seja, a programação de todas as semanas possui uma estrutura fixa: algo sempre retorna.

A continuidade programada e seu esgotamento

Essa enunciação é mais perceptível no sistema geral (NET, no caso) do que nos subsistemas (emissoras). Assim, no canal NET TV, a seta é visível no design do écran: o título de um programa de uma emissora é disposto após o de outro, e apenas olhando para a grade temos como perceber a ordenação linear do tempo televisivo. No caso da NET TV, cada programa ocupa o espaço de um retângulo, vinculado a um horário colocado acima da tabela, que tem como limite um outro retângulo que representa o programa seguinte, vinculado ao próximo horário, e mostrado no topo no exemplo seguinte:



Figura 6: Instante da TV NET (Fonte: imagem capturada pela autora)

Essa disposição de relógios moldurados na horizontal lembra a concepção de linha do tempo (tempo seta). Uma vez que a TV organiza suas informações temporais linearmente, como na grade de programação exibida na NET TV, por exemplo, temos que a figura da seta é evocada pelo modo da organização dos programas e dos horários de sua exibição.

Mas em outro panorama do canal NET TV o desenrolar dos programas em curso é representado por barras vazadas que são preenchidas de vermelho, da esquerda para a direita, indicando o quanto o programa avança no tempo total de sua duração:



Figura 7: Instante da NET TV (Fonte: imagem capturada pela autora)

A barra se completa quando acaba o tempo de exibição previsto, que deve ser igual ao do realizado. O movimento da barra vermelha possui a forma seta; entretanto, é uma seta mais assemelhada à da ampulheta, por exemplo, com a qual medimos o tempo (sempre o mesmo) que a areia leva para escorrer do bojo superior ao inferior. Isto é, na mesma medida em que a continuidade de um programa é programada, ela se esgota de acordo com a programação geral das emissoras.

Considerações finais

Se a seta do tempo acompanha a humanidade desde muito antes da invenção da televisão e sua anúncio nesta mídia só é percebida pelos

espectadores porque a humanidade busca ordenar a realidade conforme a sua capacidade de percepção é porque, como diz Bergson (2005, p. 242-243),

[...] de um modo geral, a realidade é ordenada na exata medida em que satisfaz nosso pensamento. A ordem, portanto, é um certo acordo entre o sujeito e o objeto. É o espírito reencontrando-se nas coisas. Mas o espírito, dizíamos, pode caminhar em dois sentidos opostos. Por vezes, segue uma direção natural: é então o progresso sob forma de tensão, a criação contínua, a atividade livre. Noutras, inverte essa direção, e uma tal inversão, levada até o fim, conduziria à extensão, à determinação recíproca necessária dos elementos exteriorizados uns com relação aos outros, enfim, ao mecanismo geométrico.

A humanidade aceita o tempo como linearidade histórica incontestada no seu cotidiano, e é por isso que, ao assistir televisão, o espectador busca “naturalmente” os elementos de linearidade que estão presentes no écran para se localizar no fluxo da programação. A televisão, por sua vez, ordena sua programação em forma de seta porque é assim que o telespectador melhor entende o tempo.

O curioso nesse fato é que a predominância da seta em nosso imaginário é tão forte e tão retoricamente enunciada pela televisão no teor contudístico de sua programação em fluxo que não percebemos o quão o tempo televisivo é, na direção contrária, “mecanicamente geométrico” – justamente como propôs Bergson. De um lado, a seta na televisão exerce a função de alinhar em sequência para a vista do espectador todos os programas acontecendo e por acontecer conforme a grade de programação das emissoras; de outro lado, como estivemos mostrando no pragmatismo da NET TV, por força de sua função de distribuir a programação de várias emissoras criam-se écrans dos quais emerge uma figura geométrica, num só instante (o espaço do écran), de todos os tempos de cada uma das durações ali representadas.

É assim que na TV a seta é ao mesmo tempo uma figura do que se sucede e do que deve ser presente (ou passado, ou futuro) por determinado tempo.

Além disso, na TV, pelas formas em que ela dispõe no mesmo panorama tempos muitas vezes historicamente contraditórios, ou anacrônicos, o tempo parece não ter sempre a mesma direção, ainda que sua direção seja presumida na grade de programação das emissoras como seta (ou como ciclo). Não se trata de uma insuficiência ou de uma transcendência da mídia em relação ao pensamento, mas de uma insuficiência da pesquisa que tem sido feita sobre a mídia – ela também condicionada pela seta (e pelo mecanismo geométrico).

Para melhor explicar nossa conclusão é preciso retornar aqui à quarta téttrade de McLuhan (apud HORROCKS, 2004) formulada ainda no início da televisão: o que a (então) nova mídia inverte ou nos devolve quando já se desenvolveu ao máximo (hoje)? Nesse estágio, que acreditamos a televisão ter alcançado nos dias de hoje, nossa tendência é responder: ela inverte totalmente nossa noção de seta. No fluxo, nos panoramas, nas grades, ela cria tensionamentos profundos nas clássicas e milenares noções humanas de tempo. Ela, criada por nós, nos coloca diante de um pensamento imagetivamente díspar em relação ao nosso próprio pensamento (e até mesmo em relação ao seu, até onde ela é capaz de expressá-lo em suas práticas). Ou seja, quanto às nossas/suas concepções do

tempo, ela não age como “deveria”. Isso “deveria” suscitar em nós – os pesquisadores, ao menos –, sérias inquietações. O que a TV nos devolve é a importância de um pensamento abandonado: a de uma reflexão mais filosófica (e até mesmo física) sobre a natureza do tempo real.

Mais particularmente ao escopo deste artigo, porém, a questão fundamental nem chega a ser essa, mas sim o fato de que há duas setas que comparecem figuradas na telinha nos exemplos mostrados. Uma remete ao que entendemos por tempo cronológico, segundo o qual a sucessão dos eventos é irreversível, e se encontra referida na proeminência explícita dos *graphics* presentes na tela, ou então se encontra implícita nas práticas televisuais que levam à sua presunção. Outra se encontra – neste caso, sempre presumivelmente – na referência cronométrica dos eventos televisuais: na TV, no interstício do tempo que “passa”, há sempre um tempo performático similar ao da ampulheta (e à dos cronômetros), que não transcende jamais, em medida, ao do escoamento da areia de um vértice a outro. Ele é seu limiar: tudo, na TV, “dura” o “mesmo” tempo. Qualquer evento na TV “dura” o que a ampulheta televisual estabelece que ele deva durar.

Referências

- BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DERRIDA, Jacques. *Ecografias de la televisión*. Entrevistas filmadas a Bernard Stiegler. Buenos Aires: Eudeba, 1998.
- FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- GOULD, Stephen Jay. *Seta do tempo, ciclo do tempo: mito e metáfora na descoberta do tempo geológico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- HORROCKS, Christopher. *Marshall McLuhan y la realidad virtual*. Barcelona: Gedisa, 2004.
- KILPP, Suzana. *Ethicalidades televisivas*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.
- _____. *A traição das imagens. Espelhos, câmeras e imagens especulares em reality shows*. Porto Alegre: Entremeios, 2010.
- PELBART, Peter Pál. *O tempo não reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- PIETTRE, Bernard. *Filosofia e ciência do tempo*. Bauru: EDUSC, 1997.